

PARTE SCIENTIFICA

I

Dois Roedores notáveis da família dos Ratos  
do Brazil

Pelo Dr. EMILIO A. GOELDI

(COM 3 ESTAMPAS)

I) *Blarinomys breviceps* O. Thomas.

= *Oxymycterus breviceps* (Herluf Winge) de Theresopolis (Estado do Rio de Janeiro, Serra dos Orgãos).

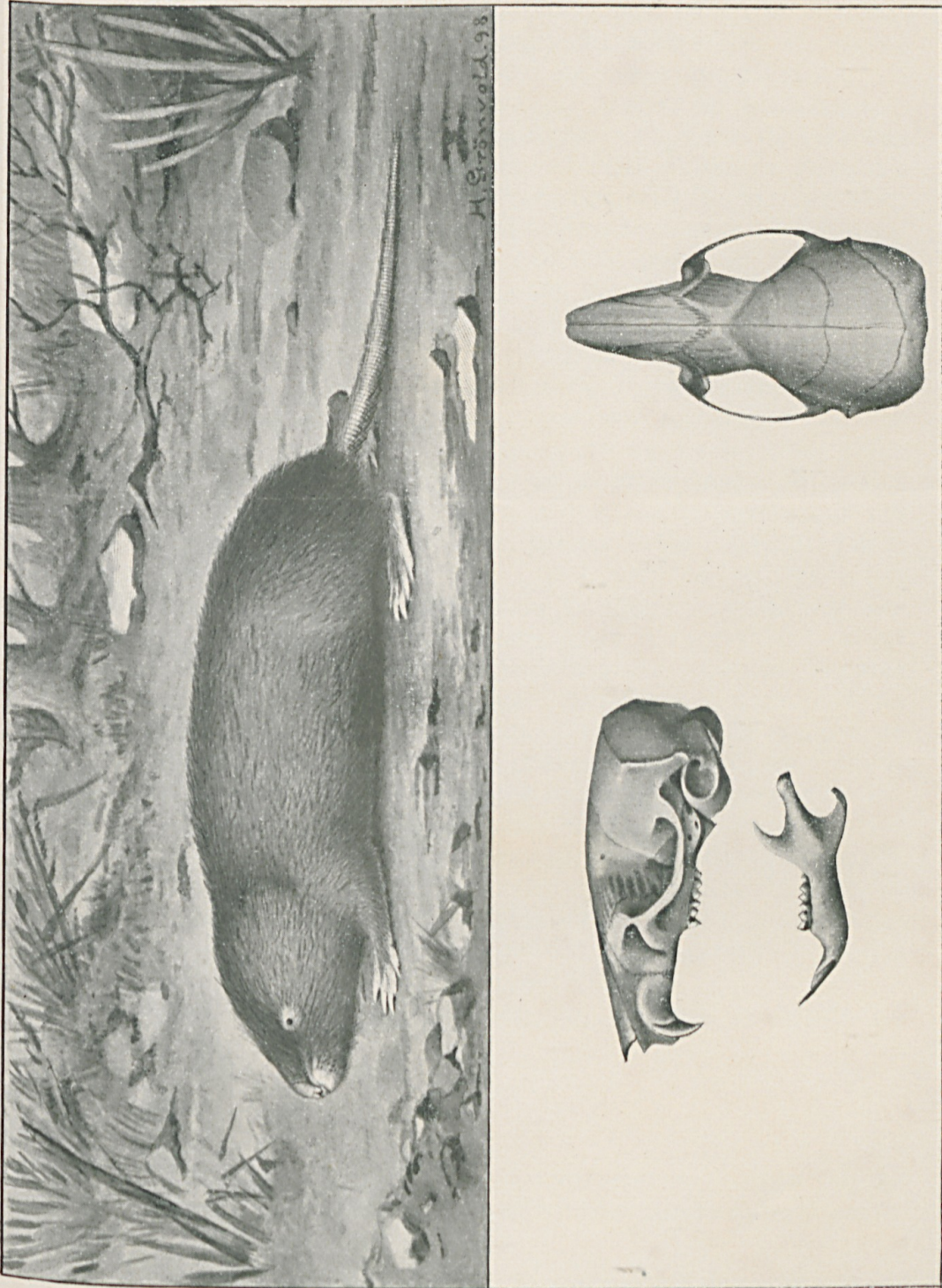
Entre os Roedores fosseis, trazidos das Cavernas calcareas da Lagoa Santa (Minas Geraes) pelo Dr. Lund e descriptos ultimamente pelo competente palaeontologista dinamarquez Dr. Herluf Winge <sup>1</sup> n'uma serie de trabalhos indispensaveis para quem quer orientar-se sobre a fauna brasileira em anteriores épocas geologicas, achou-se um fragmento, insignificante pelo seu tamanho, mas importante sob o ponto de vista scientifico, de um craneo de certo diminuto roedor, de um rato do mato, que recebeu o nome de *Oxymycterus breviceps*, <sup>2</sup> porque parecia fazer parte de um grupo de ratos sul-americanos, reunidos debaixo do nome generico acima, faceis de reconhecer pelo focinho singularmente pontudo (pag. 34 e seg. Estampa 2 fig. 12) e que ainda hoje conta cinco especies na fauna actual do Brazil, além de tres especies extinctas, duas do Brazil e uma da Republica Argentina. <sup>3</sup>

Este fragmento ficou, como se diz expressamente no texto do dito livro, pag. 34, isolado. Pela figura 12 da Es-

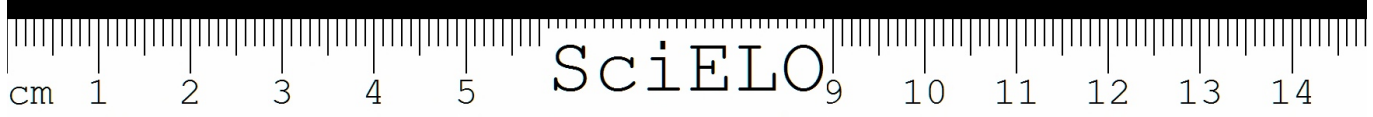
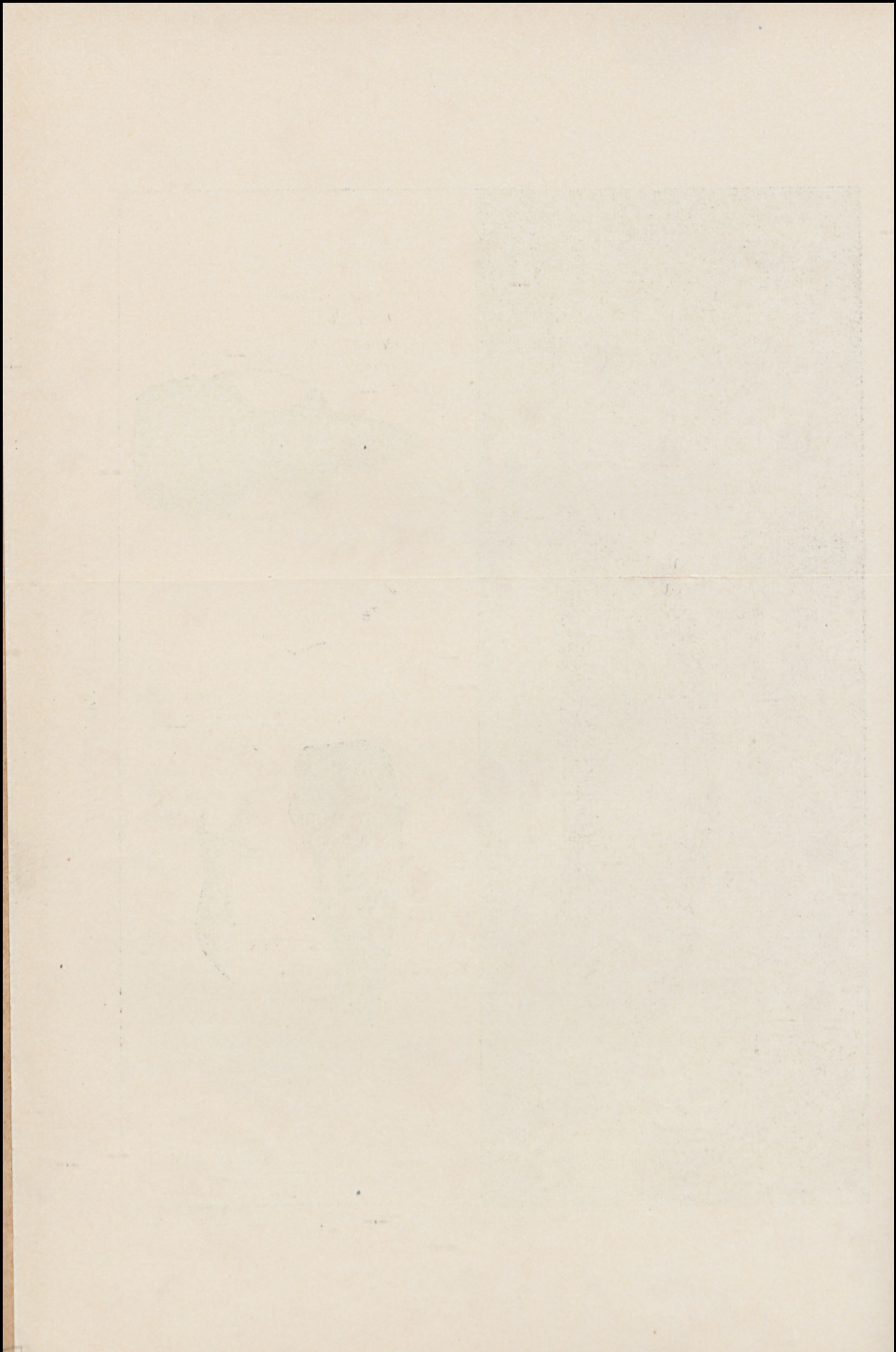
<sup>1</sup> Jordfundne og nulevende Gnavere (Rodentia) fra Lagoa Santa, Minas Geraes, Brasilien. E Museu Lundii, Kopenhagen (1887).

<sup>2</sup> Acerca do genero *Oxymycterus* veja-se o meu livrinho: *Mammiferos do Brazil*, Rio de Janeiro, Alves & C.<sup>a</sup>, 1893, pag. 83 e seg.

<sup>3</sup> Trouessart, Catalogus Mammalium, Berlim 1898-1899, pag. 539 e seg.



*Blarinomys breviceps.*



tampa II vê-se que representa uma parte do craneo, parte anterior, isto é, focinho até o palatino, sem os arcos zygomaticos; tem uns 12<sup>mm</sup> de comprimento sobre 9<sup>mm</sup> de maior largura na altura dos rudimentos de ossos zygomaticos.

*A isto ficou limitado durante annos o conhecimento scientifico de Oxymycterus breviceps, que ficou considerado como um rato diminuto, rarissimo, extincto ha muito, da fauna post-pleiocenica, época quaternaria, conservada nas cavernas calcareas do Rio das Velhas. Nada absolutamente se sabia das feições do craneo completo, do resto do esqueleto, da physionomia provavel do animal em vida.*

Faz alguns annos que, na Colonia Alpina perto de Therosopolis (Serra dos Orgãos, Estado do Rio de Janeiro), veio certo dia, com a agua do canal para o grande deposito que alimenta as turbinas do nosso engenho e serraria, o cadaver ainda fresco de um singular rato, como eu ainda nunca tinha visto, que não consegui determinar com os meios litterarios de que dispunha n'aquella hora e que resolvi conservar em alcool. Quando, mais tarde, da minha bella collecção particular de vertebrados da Serra dos Orgãos, os Roedores foram para o British Museum de Londres, a pedido da Directoria d'aquelle estabelecimento, para lá serem estudados e comparados, o provector especialista Sr. Oldfield Thomas reconheceu no rato em questão o primeiro exemplar da actualidade correspondendo com o fragmento de craneo do Oxymycterus breviceps H. W., proveniente de Minas Geraes. O rato, que até então se julgara extincto, foi descoberto em 1896 — nove annos depois — como existente ainda e fazendo parte da fauna actual, embora rarissimo, tão raro que, depois, nenhum outro exemplar mais constou nos annaes da sciencia.

O Dr. Oldfield Thomas declarou que não convinha conservar o rato em questão no genero Oxymycterus e propoz a creação de um novo genero *Blarinomys*.

Elle deu a seguinte descripção, por nós traduzida do original inglez: <sup>1</sup>

**Blarinomys, gen. nov. <sup>2</sup>**

Mui proximo parente do Oxymycterus. Forma talpina ou soricina, modificada para o officio de cavar; cabeça curta,

<sup>1</sup> « On new small Mammals from the Neotropical Region », *Annals and Magazine of Natural History*, 6<sup>th</sup>. Ser., Vol. 18, 1896, pag. 310.

<sup>2</sup> De Blarina — genero de musaranhas americanas de cauda curta.

conica; olhos muito pequenos; orelhas pequenas; unhas compridas, como no *Oxymycterus*; uma unha distinta no dedo pollegar; pés proporcionalmente largos. Cauda curta. Pello crespo, avelludado, iriante.

Craneo com a maior parte dos caracteres do do *Oxymycterus*; todavia bastante mais curto na face e alargado posteriormente, de forma que o osso zygomatico apenas excede a largura posterior do craneo. Osso interparietal ausente de todo. Estructura dos dentes molares como no genero alliado.

Typo: «*Oxymycterus breviceps* Winge. † As particularidades do *O. breviceps*, agora pela primeira vez propriamente conhecidas, tornam impossivel a sua retenção no genero *Oxymycterus*. Não ha duvida que elle é mui proximamente ligado a este genero, entretanto a sua rombuda cabeça conica, os seus olhos diminutos, o seu pello erecto e iriante, a ausencia dos ossos interparietaes, são caracteres de tamanha importancia que reclamam uma separação generica.

A especie foi estabelecida por Winge sobre o focinho de um craneo achado fossil nas cavernas da Lagoa Santa, e até agora nunca tinha sido conhecido como pertencente á fauna recente. A seguinte descripção do animal será portanto de não pouco interesse. O specimen descripto é um macho adulto, conservado em alcool, e foi obtido pelo bem conhecido naturalista Dr. Emilio A. Goeldi na Colonia Alpina, Theresopolis, Rio de Janeiro.

Dimensões e forma mais ou menos como no rato agreste de rabo curto (*Microtus agrestis*). Pello curto, avelludado, encrespado, e quasi todo semi-espinoso, havendo entre os cabellos alguns alargados e achatados. Colorido do pello sobre todo o lado superior e inferior uniformemente cinzento escuro, côr de ardosia, sendo as pontas dos cabellos brunas; uma pronunciada iridescencia, especialmente côr de rubi, visivel nas costas, pelo menos emquanto a pelle se conserva humida. Ponta do focinho, queixo e palpebras sem pellos brunos, parecendo por isso, no espirito de vinho, pronunciadamente brancos, provavelmente côr de carne, em vida. Olhos diminutos, escondidos no pello, apenas  $1\frac{1}{2}$  mm no seu maior diametro. Orelhas muito pequenas, com couro grosso, mas não se projectando além do nivel da pelle da cabeça. Arestas serrilhadas do palatino, 3 a 4. Mãos e pés brunos por cima; lado

† E Museu Lundii 3, pag. 34 (1887).

inferior do calcanhar cabelludo, bruno; callosidades, 5 na frente e 6 atrás, as ultimas muito pequenas. Cauda parcamente pilosa, uniformemente bruna. Dimensões: cabeça e corpo 92<sup>mm</sup>; cauda 46<sup>mm</sup>; pé posterior 15,3<sup>mm</sup>; orelha 9<sup>mm</sup>; lobulo da orelha medido atrás 4,7<sup>mm</sup>.

Craneo: comprimento na base, 21<sup>mm</sup>; comp. basilar (Hensel) 19,2<sup>mm</sup>; maior largura zygomatica 13,2<sup>mm</sup>; nasalia comp. 10,2<sup>mm</sup> sobre a largura 3,8<sup>mm</sup>; largura interorbital 7<sup>mm</sup>, larg. intertemporal 6,2<sup>mm</sup>, largura atravez da cavidade cerebral acima do meatus auditorius 13,1<sup>mm</sup>; comprimento do palatino desde o henselion 10<sup>mm</sup>; diastema 5,8<sup>mm</sup>; foramina palatalia comp. 4,7<sup>mm</sup> sobre a largura 2,4<sup>mm</sup>; comprimento da serie superior de molares 4,1<sup>mm</sup>. Mandibula (inferior): do condylus até á ponta dos incisivos 15,4<sup>mm</sup>.

Este animalsinho interessantissimo e exquisito possui uma certa semelhança superficial com o *Acodon nigrita* de Licht., achado pelo Dr. Goeldi ao mesmo tempo e na mesma localidade; pode-se todavia reconhecê-lo logo pelas suas muitas diferenças essenciaes. É evidentemente um cavador habitual e provavelmente passa uma vida mais parecida com a da toupeira (*Talpa*), que qualquer outro rato sigmodonte até agora descripto».

A pedido do Dr. Oldfield Thomas fiz presente d'este exemplar original de *Blarinomys breviceps* ao British Museum, onde é tido e conservado como uma grande raridade — é positivamente até agora o unico specimen existente de que se saiba em todos os Museus publicos e collecções particulares juntos.

O referido especialista quiz significar-me a sua especial gratidão, mandando fazer a sua custa uma estampa representando em cima o animal *in toto*, em baixo o craneo augmentado, vista lateral e superficial, estampa de que elle fez presente á Redacção do *Boletim do Museu Paraense*. Grato nos é poder publicar esta estampa, que pela primeira vez, na litteratura, representa o tão raro Roedor brasilico *Blarinomys breviceps*, fossil em Minas Geraes e vivo no Rio de Janeiro (Serra dos Orgãos).

II) Ainda uma vez acerca do *Mesomys ecaudatus*.

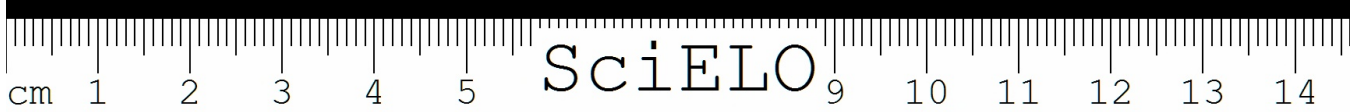
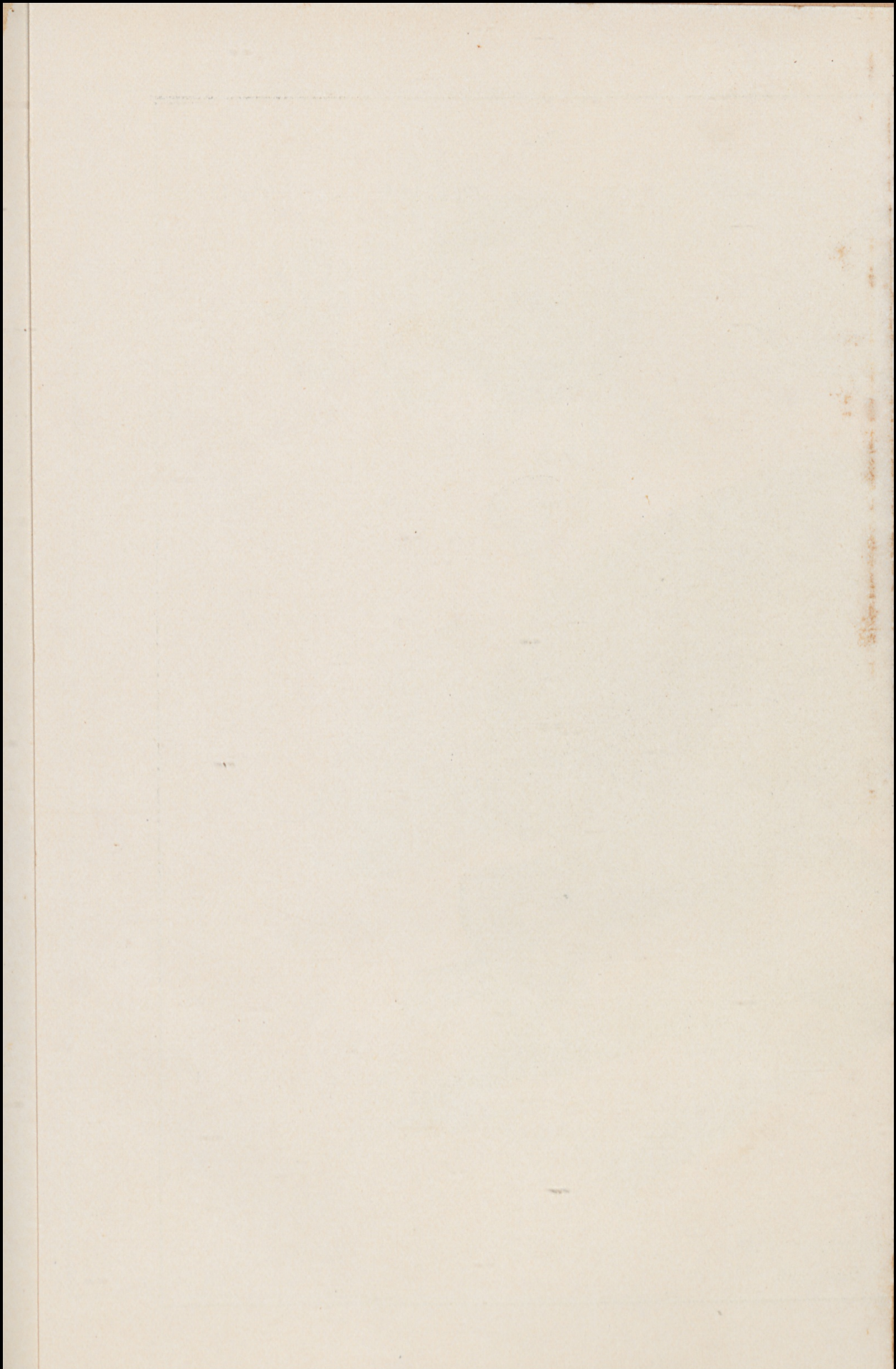
(Conf. Bol. Museu Par. Vol. II, pag. 253).

Da nossa expedição ao alto Rio Capim (junho-julho 1897) trouxemos um rato bruno unicolor, roupa espinhenta, sem cauda, que com direito julgamos poder attribuir ao *Mesomys ecaudatus* de Natterer e Wagner, do qual até hoje não se conhecia senão um unico exemplar, incompleto, conservado no Museu de Vienna, e apanhado em Borba (Rio Negro) em 27 de março de 1830.

E' preciso accentuar, que as duas descripções dadas pelo Prof. Dr. A. Wagner, a primeira em 1845 no *Archiv für Naturgeschichte* pag. 145; a segunda em 1847 *Abhandlungen der kgl. Akademie der Wissenschaften, München*, pag. 293, são muito incompletas informando, na sua essencia, quanto ao genero, apenas acerca da semelhança do habitus exterior com o genero Loncheres,—do parentesco da dentatura com o genero *Echinomys*,—da existencia de espinhos solidos—e, quanto á especie, da ausencia da cauda.

Ora, tudo isto é, sob o ponto de vista da actual praxe scientifica, vago, insufficiente para uma classificação segura n'um grupo tão complicado como é o exercito de Murides sul-americanos. Visto que o Prof. Wagner nunca publicou figuras do craneo do seu *Mesomys ecaudatus* (especie unica, sobre a qual elle fundou o genero então novo), é natural que este *Mesomys* devia tornar-se o que se chama uma « crux zoologica » — uma fonte de erros e enganosa consecutivos.

Emquanto não tínhamos obtido senão um unico exemplar,—do Capim (1897)—, aquillo que ouvimos *in loco* acerca do *sauia* parecia concordar inteiramente com as informações fornecidas por Natterer no seu manuscripto e publicadas por Wagner em 1845 e 1847 e por Pelzeln em 1883 (*Brasilianische Säugetiere, Resultate von Natterer's Reisen 1817-1835*), pag. 63. As dimensões, a côr e outros pormenores relativos ao aspecto exterior quadravam, e algumas ligeiras differenças eventuaes que se poderiam notar entre e theor da descripção por um lado e o *corpus delicti* por outro, não se affastavam das raias e limites da variação individual. Enfim tínhamos o direito de acreditar ter redescoberto o rarissimo *Mesomys ecaudatus* e possuirmos os dados e materiaes para elucidar cabalmente a historia de tão problematico roe-



SciELO



II) Ainda uma vez acerca do *Mesomys ecaudatus*.

(Conf. Bol. Museu Par. Vol. II, pag. 253).

Da nossa expedição ao alto Rio Capim (junho-julho 1897) trouxemos um rato bruno unicolor, roupa espinhenta, sem cauda, que com direito julgamos poder attribuir ao *Mesomys ecaudatus* de Natterer e Wagner, do qual até hoje não se conhecia senão um unico exemplar, incompleto, conservado no Museu de Vienna, e apanhado em Borba (Rio Negro) em 27 de março de 1830.

E' preciso accentuar, que as duas descripções dadas pelo Prof. Dr. A. Wagner, a primeira em 1845 no *Archiv für Naturgeschichte* pag. 145; a segunda em 1847 *Abhandlungen der kgl. Akademie der Wissenschaften, München*, pag. 293, são muito incompletas informando, na sua essencia, quanto ao genero, apenas acerca da semelhança do habitus exterior com o genero Loncheres,—do parentesco da dentatura com o genero *Echinomys*,—da existencia de espinhos solidos—e, quanto á especie, da ausencia da cauda.

Ora, tudo isto é, sob o ponto de vista da actual praxe scientifica, vago, insufficiente para uma classificação segura n'um grupo tão complicado como é o exercito de Murides sul-americanos. Visto que o Prof. Wagner nunca publicou figuras do craneo do seu *Mesomys ecaudatus* (especie unica, sobre a qual elle fundou o genero então novo), é natural que este *Mesomys* devia tornar-se o que se chama uma «cruz zoologica» — uma fonte de erros e enganões consecutivos.

Emquanto não tínhamos obtido senão um unico exemplar,—do Capim (1897)—, aquillo que ouvimos *in loco* acerca do *sauid* parecia concordar inteiramente com as informações fornecidas por Natterer no seu manuscripto e publicadas por Wagner em 1845 e 1847 e por Pelzeln em 1883 (*Brasilianische Säugetiere, Resultate von Natterer's Reisen 1817-1835*), pag. 63. As dimensões, a côr e outros pormenores relativos ao aspecto exterior quadravam, e algumas ligeiras differenças eventuaes que se poderiam notar entre e theor da descripção por um lado e o *corpus delicti* por outro, não se affastavam das raias e limites da variação individual. Enfim tínhamos o direito de acreditar ter redescoberto o rarissimo *Mesomys ecaudatus* e possuirmos os dados e materiaes para elucidar cabalmente a historia de tão problematico roe-



*Mesomys ecaudatus,*

um roedor esquecido durante meio século.

Dr. E. A. Gilli des.



dor. Fizeram-se as duas estampas que ahi vão e que conservam o seu valor, embora tenha havido uma profunda modificação nos alicerces do problema.

Descrição e medidas do exemplar figurado como *Mesomys ecaudatus* e reconhecido como sendo um *Loncheres*, parente do *L. unicolor* de Rüppel e Wagner:

- ♀, Comprimento total 261<sup>mm</sup>.  
 Coxa posterior, sem unhas, 80<sup>mm</sup>.  
 Planta do pé posterior, sem unhas, 34,5<sup>mm</sup>.  
 Planta do pé anterior, sem unhas, 19<sup>mm</sup>.  
 Comprimento da cabeça até por traz das orelhas 62<sup>mm</sup>.  
 Comprimento basilar do craneo 39<sup>mm</sup>.  
 Altura da cabeça, pelo meio dos olhos, 28<sup>mm</sup>.  
 Altura da orelha 16,5<sup>mm</sup>.  
 Largura da orelha 14<sup>mm</sup>.  
 Canto anterior dos olhos até á ponta do focinho 24,5<sup>mm</sup>.  
 Canto posterior dos olhos até a inserção das orelhas 12<sup>mm</sup>.  
 Circumferencia da cabeça, pelo meio das orelhas, 112<sup>mm</sup>.  
 Circumferencia da cabeça, pelo meio dos olhos, 85<sup>mm</sup>.  
 Circumferencia da cabeça, pelo canto da bocca, 61<sup>mm</sup>.

Os dentes são esbranquiçados; o focinho é quasi desprovido de pellos e como esfolado. De tetas existem dois pares nos lados do peito e abdomen anterior (não encontrou-se porém o par de tetas, mencionadas por Natterer no seu *Mesomys ecaudatus*, perto da clitoride). As vibrissas são muito compridas, de côr preta (do lado esquerdo ha uma de côr branca). Os pellos do lado superior dos pés são curtos, asperos como os de escova.

Sobre o colorido geral da roupagem diremos o seguinte:

- a) Os espinhos, em forma de calha chata, são bastante uniformes: o meio branco, a beira arregaçada ennegrecida, côr de fumaça a ponta terminal; ha no dorso posterior espinhos com annel avermelhado pre-terminal ou terminal.
- b) Entre os espinhos ha os pellos lanuginosos, dos quaes  $\frac{4}{5}$  da parte basal são de côr escura; têm um annel pre-terminal de côr vermelho-amarellada; a ponta terminal é outra vez escura.

O effeito total é um bruno ennegrecido, com um tom avermelhado. Os lados da cabeça e a face superior dos pés puxam ao avermelhado; a região mais clara é ao redor do focinho.

Confessamos que o argumento principal para a nossa suposição da identidade do nosso *sauia* do Rio Capim com o tal *Mesomys ecaudatus*, tambem chamado *sauia* no Rio Negro, residia na falta da cauda, e, visto o assumpto ter sido de facto absolutamente abandonado pela discussão scientifica, por falta de materiaes, de 1850 para cá, de todo justificada foi certamente a nossa esperança, de que a redescoberta do pretendido *Mesomys ecaudatus* de Natterer e Wagner ia ganhar especial importancia entre os resultados dos feitos scientificos da nossa viagem ao Alto Capim.

Entretanto não quero passar em silencio que desde o principio houve quatro cousas, que me incomodaram de certo modo pelas duvidas que me faziam surgir em mente:

- 1) Em primeira linha avultava o facto de achar-me restringido a um unico exemplar, e esse mesmo um tanto defeituado no craneo, circumstancia assás fatal em semelhante conjunctura.
- 2). Eu não tinha outra prova da pretendida ausencia constante da cauda no *sauia* senão as informações do povo no Rio Capim. Tinha de confessar que não havia impossibilidade *a priori*, para que a queda da cauda não se pudesse dar, por um acaso qualquer que equivalia a uma operação cirurgica, durante a vida ontogenetica de um determinado individuo d'estes ratos, pois afinal de contas, ha na serie zoologica não poucos exemplos de facilissimo desprendimento da cauda, chegando quasi ás raías de um facto normal em certos lagartos e osgas. E semelhante tendencia para a queda da cauda tambem podia-se imaginar no caso vertente.
- 3). A expressão «dentes *Echinomyum*» da diagnose laconica de Wagner, especialmente quando considerada como devendo contrastar com a outra expressão anterior «*habitus Loncherium*», pois no meu *sauia* dava-se antes o inverso: a dentadura, como emfim todo o aspecto craneano, era antes de um *Loncheres*, que de um *Echinomys*.
- 4). A manifesta discordancia dos caracteres craneologicos do meu *sauia* com os das outras especies

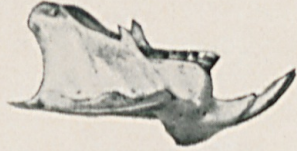


Fig. 7



Fig. 8

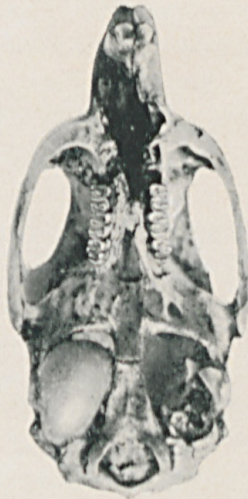


Fig. 9

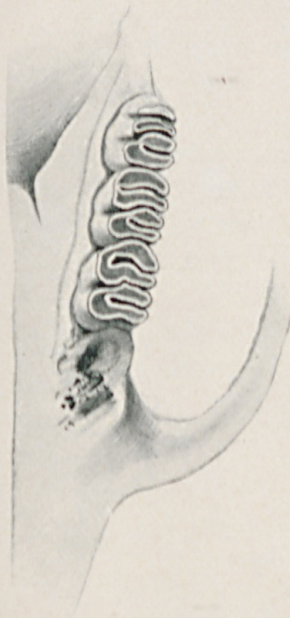


Fig. 10

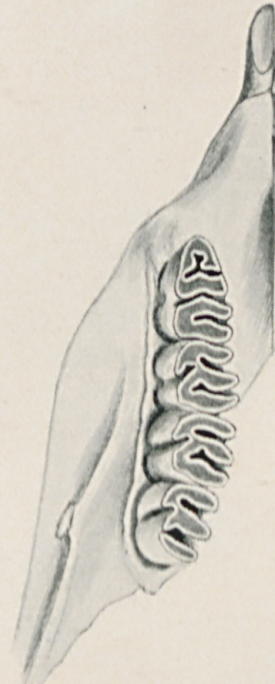
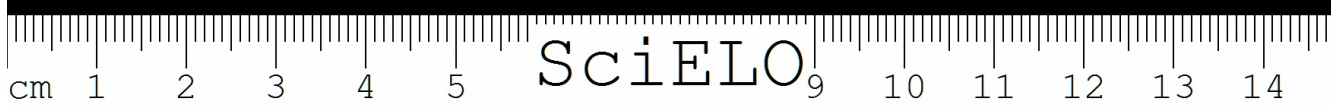
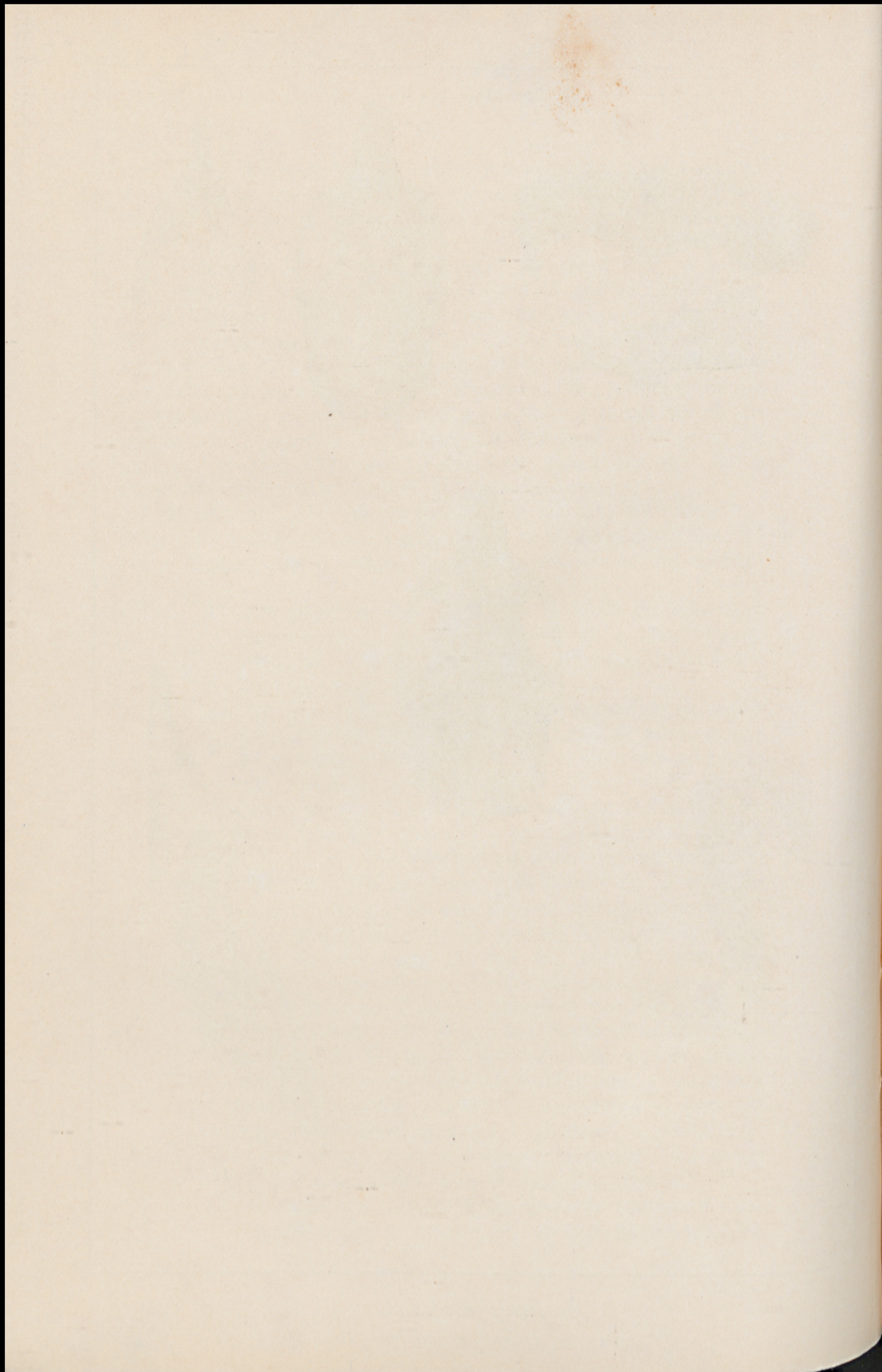


Fig. 11

Dr. E. A. Goldi phot.

*Mesomys ecaudatus*,



do mesmo genero *Mesomys*,<sup>1</sup> das quaes eu poude consultar figuras, sobretudo com o *Mesomys spinosus* — especie que, originalmente descripta pelo naturalista Rengger com o nome de *Echinomys spinosus* (1830), ficou constituindo por assim dizer o vulto principal do genero *Mesomys*, attenta á insufficiencia da descripção original de Wagner acerca do verdadeiro typo do genero *Mesomys*, que devia ser este mesmo *Mesomys ecaudatus*. Entre as differenças dava, por exemplo, logo na vista a mui consideravel largura do arco zygomatico no *Mesomys spinosus* do Paraguay,<sup>2</sup> tão consideravel, que o provector paleontologista dinamarquez Herluf Winge não hesita em declarar, que esta largura até constitue caracteristico primordial das especies do genero *Mesomys*, quando no meu *sauiaá* esta largura é moderada como costuma ser nos generos *Loncheres*, *Echinomys* e *Dactylomys*.<sup>3</sup>

Devia portanto haver, da minha parte, um bem comprehensivel empenho e forte desejo de augmentar o material e de obter mais d'estes *sauiaá* ou « ratos de espinho », sem cauda, da região amazonica.

Achava-me em commissão official, na Europa, quando recebi uma carta, datada do Pará a 9 de abril de 1900, do auxiliar da secção zoologica, o Sr. Dr. Gottfried Hagmann, communicando-me terem chegado ao Museu Paraense dois ratos de espinho, conservados em alcool, um sem cauda, isto é com a cauda arrancada e vinda separadamente, o outro com cauda em condições normaes, ambos provenientes da Ilha de Marajó, Rio Camará (?), e remettidos pelo Sr. Dr. Vicente Chermont de Miranda, o mesmo cavalheiro que, como se vê pelo *Boletim do Museu Paraense*, muito tem feito já para o nosso estabelecimento. Esta remessa era a resposta a um

<sup>1</sup> Vide: Herluf Winge, *Gnavere fra Lagoa Santa*. E Museu Lundii, Copenhagen. Est. 8, fig. 5.

<sup>2</sup> O extremo n'este sentido parece ser attingido pelo *Chaetomys subspinosus*, roedor muito raro (ainda não cheguei a vel-o). Vide Waterhouse, *Natural Hist. Mammalia*, Vol. II, Est. 18, 1898.

<sup>3</sup> Em material de comparação directa disponho actualmente de dois exemplares de *Loncheres* (um de Itaituba, Rio Tapajoz), quatro de *Echinomys* (todos da vizinhança do Pará) com os respectivos craneos. Quando de passagem no Sul do Brazil, comparei mais os craneos de *Dactylomys* da minha collecção particular da Serra dos Orgãos.



especial pedido nosso anterior. O Dr. Hagmann procedeu a um exame provisorio d'estes dois ratos, estudando sobretudo a questão da queda da cauda no exemplar maior em comparação com o nosso pretendido *Mesomys ecaudatus* do Rio Capim e chegando a conclusões criteriosas, que na sua essencia posso reputar justas hoje, depois de examinados tambem por mim pessoalmente os ditos objectos n'estas ultimas semanas decorridas desde a minha volta ao Pará.

Os dous novos *sauia's*, da Ilha de Marajó, pai e filho, distinguem-se do do Rio Capim, já exteriormente pela roupage mui to mais aspera, com predominancia dos espinhos não muito aguçados sobre os pellos lanuginosos. O colorido é mais escuro, mórmente na barriga, focinho e lado interior das coxas. Os espinhos, muito mais densos e mais largos, possuem uma ponta terminal vermelha cõr de ferrugem e um comprimento medio de 20-22<sup>mm</sup> no dorso. O exemplar maior (♂) mede 16<sup>cm</sup>, a cauda arrancada por si só mede outros 18<sup>cm</sup>. O exemplar menor, (♂ igualmente) tem um comprimento de 11½<sup>cm</sup>, não contando a cauda, que mede ainda 13<sup>cm</sup>. Preparou-se o craneo do exemplar maior e reconheceu-se assim (o que aliás já se podia verificar pelo simples aspecto exterior), que os caracteres osteologicos, sobretudo os da dentatura, que os dois novos *sauia's* eram diferentes do do Rio Capim e que o animal dèvia, positivamente, entrar no genero *Echinomys*, chegando a ser proximo parente, senão totalmente identico ao *Echinomys spinosus* de Rengger (exemplar proveniente do Paraguay).<sup>1</sup> E', evidentemente, entre as especies d'este genero, uma das menores; ou pelo menos são de dimensões bastante mais avantajadas os exemplares de *Echinomys cayennensis* que tenho á mão, provenientes dos arredores do Pará.<sup>2</sup> O comprimento basilar do craneo é de 33,3<sup>mm</sup>, quando um craneo de *E. cayennensis* de grande porte mede 40,0<sup>mm</sup>. Infelizmente não me foi possivel juntar, como desejava, desde já, a reproducção de uma nossa photographia relativa ao *sauia* de Marajó, porque assim a comparação teria sido facil. Espero todavia fornecer ainda uma estampa adicional n'um proximo fasciculo do *Boletim*.

<sup>1</sup> Vid. Waterhouse, Nat. Hist. of Mammals. Vol. II, pag. 347.

<sup>2</sup> Em material de comparação disponho de quatro exemplares de *Echinomys*, conservados em alcool, tendo sido retirados os respectivos craneos. São duas especies: *E. cayennensis*, facil de distinguir-se pela barriga branca (Waterhouse Tab. 19, fig. 2), e esta outra de Marajó, *E. affinis spinosi*, de colorido bruno-escuro uniforme.

Foi d'est'arte reconhecido:

a) Que o primeiro «saviá» ou rato de espinho sem cauda, trazido do Rio Capim em 1897, e ao qual se referem tanto a noticia no «Boletim do Museu Paraense» (Vol. II, pag. 253-255), como as duas estampas do presente trabalho, com o nome de *Mesomys ecaudatus*, deve ser classificado como pertencente ao genero **Loncheres**.

b) Ao passo que os dois «saviás» (pai e filho) mandados da Ilha de Marajó em 1900, dos quaes o exemplar maior com a cauda pouco antes torada, conforme as mesmas regras scientificas, pertencem ao genero **Echinomys**.

Ora, do momento que se sabe que *saviás*, isto é, individuos sem cauda se encontram em dois generos diferentes de ratos de espinhos, havendo na mesma especie exemplares com cauda ao lado de outros sem cauda (como no supra-mencionado caso de *Echinomys*), torna-se provavel que uma tendencia para a queda da cauda exista de facto espalhada sobre esta familia de Roedores, constituindo uma particularidade que talvez esteja a meio caminho para se tornar hereditaria. Ao mesmo tempo, porem, cada vez mais problematica fica a existencia e natureza do tal *Mesomys ecaudatus* de Natterer e Wagner, podendo-se sustentar desde já, mediante robustos argumentos e vigoroso raciocinio que, com toda a probabilidade, a má estrella de um erro presidiu, na hora da concepção da dita especie, ao cerebro dos mencionados autores. Por outras palavras, ficou profundamente abalada a nossa crença na existencia do tal *Mesomys ecaudatus* — perdemos a fé de encontrar jamais semelhante roedor amazonico, que parece nunca ter existido! Voltaremos a tratar das consequencias que necessariamente resultam para a systematica zoologica da nossa investigação e mostraremos, como é necessario ventilar a questão, se ainda póde haver vantagem em conservar o genero *Mesomys*, ou não, e com quaes restricções.

Curioso e divertido é, que o problematico *Mesomys ecaudatus* andou quasi simultaneamente causando mal tambem por outras partes. Quando o Dr. H. von Ihering, Director do

Museu Paulista, empreendeu uma exploração na ilha de São Sebastião, em frente ao porto de Ubatuba, na costa de S. Paulo, obteve entre a colheita relativa aos Mammiferos de lá «um craneo de uma especie de Isothrix,<sup>1</sup> qualidade de cururuá de rabo curto e sem espinhos; que trepa nos coqueiros». <sup>2</sup>

N'um annexo 3 ao mesmo capitulo <sup>3</sup> accrescenta o referido collega textualmente: «Quando já estava no prélo este artigo recebi o primeiro exemplar do *Cururuá sem rabo* da ilha de São Sebastião. E' especie do genero *Mesomys* Wagner, sendo porém esta especie que chamo *Mesomys thomasi* spec. nov., maior que a unica especie até hoje conhecida e que foi da região amazonica (Borba). Este animal mede 287<sup>mm</sup>. de comprimento, sendo o pé posterior de 38<sup>mm</sup> de comprimento, sem unhas. A côr é ruivo-parda em cima, misturada com preto, devido ás pontas de espinhos. Em baixo é de côr cinzento-amarella. As orelhas são bem curtas. Não ha vestigio de cauda. No volume seguinte espero dar a descripção completa. Infelizmente este cururuá não foi acompanhado do craneo. Dedico esta especie ao eminente naturalista Sr. Oldfield Thomas, a quem estão confiadas no British Museum as ricas collecções de mammiferos, e que já muito tem feito para o estudo dos mammiferos do Brazil».

Mas já no volume seguinte <sup>4</sup> o Dr. von Ihering externa seu scepticismo acerca da legitimidade do baptismo scientifico praticado no *cururuá sem rabo* da ilha de São Sebastião. Escreve na Revista bibliographica *ipsis verbis*: «Do Dr. Goeldi noto artigo sobre *Mesomys ecaudatus*, rato de espinho sem cauda. A respeito d'este assumpto estou agora duvidando que tanto o meu illustre amigo como eu estamos enganados. Chamou a minha attenção a um factô curioso o eminente conhecedor de mammiferos Dr. Allen em Nova York que — no artigo de I. A. Allen and Frank M. Chapman *on a collection of Mammals from Trinidad* Bull. Americ. Mus. Nat. Hist. Vol. v, pag. 203-234, Nova York 1893 — observou que, nas especies *Loncheres castaneus* Allen et Chapman e *Echinomys trinitatis* All. et Chap., occorrem ao lado de individuos com

<sup>1</sup> Com o nome *Isothrix* (allemao «Schlichtratte») A. Wagner separou no genero *Loncheres* as 3 especies com roupagem desprovida de espinhos (*I. bistriata*, *I. pagurus*, *I. pachyurus*. Wagner), Beiträge etc. ob. cit. pag. 286 e Waterhouse, ob. cit. pag. 329.

<sup>2</sup> *Revista do Museu Paulista*, Vol. II (1897), pag. 151.

<sup>3</sup> *Ibid.* pag. 171.

<sup>4</sup> *Revista do Museu Paulista*. Vol. III (1898), pag. 505 e seg.

cauda outros sem ella, e que a quinta vertebra caudal é nessas Echimyidas extremamente fraca, de modo que com a maior facilidade o rabo se desprende n'este logar. Continuando nos meus estudos sobre Echimyidae de S. Sebastião obtive tanto do Loncheres nigrispina como do Echimys fuliginosus exemplares com e sem rabo, sem que a dentadura e outros caracteres permittissem distincção segura. Acredito pois, agora, que o meu Mesomys Thomasi é apenas a forma ecaudata de Loncheres nigrispina e creio que, proseguindo n'estes estudos, acontecerá ao Dr. Goeldi o mesmo que a mim, e que ha de achar tambem a forma caudata do Mesomys ecaudatus».

Por ahi se vê, que houve uma edificante analogia entre os resultados de estudos feitos sobre os Ratos de espinhos no Museu em São Paulo e no do Pará. Tanto eu, como o meu illustre collega, fomos victimas de uma certa credulidade nas affirmações de antecessores; confiados em *verba magistri*, acceitamos o Mesomys ecaudatus de Natterer-Wagner como uma verdade e realidade scientifica solidamente assentada. Dahi proveio um duplo erro: eu aqui no Pará identifiquei com o Mesomys ecaudatus, um *saujá* do Rio Capim que hoje reconheço ser um Loncheres, sem cauda, e o Dr. Ihering foi mimoseando um outro collega, nosso amigo commun, com uma nova especie de Mesomys, que ulterior pesquisa ensinou não ser outra cousa senão um Loncheres nigrispina, sem rabo.

Isto é o lado menos agradavel da historia.

Todavia resultou assim mesmo uma positiva vantagem dos nossos estudos para a sciencia zoologica e esta fica de pé, consolando-nos pelo cheque soffrido de lado a lado: *ficou provado, por factos observados no Norte, como no Sul do Brazil, que entre os Ratos de espinho dos generos Loncheres e Echinomys ha exemplares com cauda e sem ella.*

Não me posso furtar ao desejo a traduzir aqui do original dinamarquez do excellente livro de Herluf Winge sobre os Roedores fosseis, colleccionados por Lund em Lagoa Santa (Minas Geraes) <sup>1</sup> a seguinte synopse analytica sobre as relações de parentesco entre os generos de familia dos *Echimyides*, como meio practico de orientação rapida:

- 1). Os molares superiores tem cinco espigões (arestas) transversaes:
  - A). Os espigões dos molares bastante fracos. (Dactylomys).

<sup>1</sup> H. Winge, Gnavere ob. cit. pag. 73.

- B). Os espigões dos molares mais fortes:
- a). p 4 tem somente quatro espigões (*Lasiuromys*).
  - b). p 4 tem cinco espigões (*Loncheres*).
- 2). Os molares superiores tem essencialmente somente tres espigões (arestas) transversaes:
- A). Molares pequenos. Palatino mais largo. Ponte ossea que separa os Foramina incisiva, não interrompida. (*Echinomys*).
  - B). Molares mais largos. Palatino menos largo. Ponte ossea que separa os Foramina incisiva, interrompida.
    - a). Não particularmente cavando. Osso zygomatico baixo. (*Nelomys*).
    - b). Cavando. Osso zygomatico alto.
      - aa). Incisivos superiores lisos. (*Mesomys*).
      - bb). Incisivos superiores canelados. (*Carterodon*).

O genero *Mesomys* foi, como já tivemos occasião de dizer, estabelecido em 1845 por Wagner, sobre a especie *M. ecaudatus*, do valle amazonico, como typo. Outros autores lá collocaram posteriormente o *Echinomys spinosus*, de Renger, chegando este animal, ao que parece, a substituir pouco a pouco a outra especie no papel de typo. Como e por que razão isto se deu, parece que ninguem procurou saber de mais perto: foi mais por consenso mutuo, tacito, do que por ponderações realmente validas perante a critica. No mesmo genero foram se arrumando ainda umas tantas outras formas de roedores, de sorte que no *Catalogus Mammalium* de Trouessart encontramos nada menos do que seis especies do genero *Mesomys*,<sup>1</sup> cinco actualmente existentes e uma especie (*M. mordax*) fossil das cavernas calcareas de Minas Geraes.

Pergunto eu: «O rato amazonico, que serviu de typo do genero *Mesomys* provavelmente não tendo existido, ou para melhor dizer, tendo elle sido tomado por Wagner erroneamente como representante de um novo grupo intermediario entre *Loncheres* e *Echinomys* (como aliás dá a entender tambem a composição do nome), quando não era senão um exemplar um tanto teratologico de *Echinomys*, que tinha per-

<sup>1</sup> Pag. 608 e seg.

dido a cauda—devido assim o genero *Mesomys* a sua origem e criação a um manifesto erro por parte do seu autor, Wagner,—pergunto eu—existe realmente para a sciencia ainda a minima obrigação moral ou mesmo alguma vantagem na conservação d'aquelle nome generico, producto meramente mystico de sabedoria de gabinete e de gavetas e a braços com grave fraqueza congenital? Quer me parecer que, em terreno de sciencias exactas, uma cousa que não existe perdeu todo o direito á consideração e não hesito em declarar que, ao meu ver, o nome generico *Mesomys* deve ser riscado e banido para sempre da nomenclatura zoologica, sobretudo em combinação com o hypothetico *M. ecaudatus*. Concedido isto, trata-se de saber se o dito nome não poderá ser conservado pelo menos para as especies restantes, debaixo da egide do *M. spinosus*, como typo.

Não acho isto nem necessario, nem bom. Tendo-se evaporado o verdadeiro typo (*M. ecaudatus*), para que arrastar ainda além este legado de um erro systematico? Resumo o meu modo de pensar na proposta de (remettido previamente o hypothetico *M. ecaudatus* para o mesmo deposito, onde se guardam os dragões, unicornes, osgas e quejandos), crear um novo nome generico **Euryzygomatomys**, para o *M. spinosus*, como typo—em attenção ao largo osso zygomatico, caracter este de véras notavel na sua physionomia craneologica.

## EXPLICAÇÃO DAS ESTAMPAS

## ESTAMPA I

Rato de espinho sem cauda. (*Loncheres spec. affinis unicolor*)

Vulgarmente chamado *Sauia*, trazido do Rio Capim em 1897 e a principio tomado por identico com o *Sauia*, *Mesomys ecaudatus*, descripto por Wagner, do Rio Negro (hypothetica especie, que provavelmente por seu turno não era outra cousa, senão um exemplar de *Loncheres* sem cauda).

- Fig. 1 — Habitus geral do rato ( $\frac{1}{2}$  do tamanho natural).  
Fig. 2 — Cabeça vista do lado direito.  
Fig. 3 — Cabeça vista de frente.  
Fig. 4 — Região anal.  
Fig. 5 — Pé anterior, visto da palma.  
Fig. 6 — Pé posterior, idem.

## ESTAMPA II

Caracteres craneologicos do mesmo rato de espinho

- Fig. 7 — Vista lateral do craneo.  
Fig. 8 — Vista de cima do craneo (ao lado das mandibulas).  
Fig. 9 — O mesmo craneo, vista inferior.  
Fig. 10 — Parte da maxilla (queixo superior), lado direito, com os dentes molares (tres somente: p 2, p 3, p 4, o quarto p 1 falta, devido a um grão de chumbo que o levou), [consideravelmente augmentada].

As figuras 7, 8, 9, são de tamanho natural.

Pará, março 1901.